ISSN Impresso 1809-3280 | ISSN Eletrônico 2177-1758
www.esmarn.tjrn.jus.br/revistas

Direito e Liberdade

O HOMEM ANGUSTIADO

THE MAN IN DISTRESS

Antônio Jorge Soares*

RESUMO: A retomado do Existencialismo no século XX encontra terreno fértil ante as drásticas e, por vezes, radicais transformações por que passava a Europa. Opondo-se ao essencialismo, quer cristão ou ateu, almeja traçar o perfil de uma ontologia do homem inserido no mundo e condicionado pelas possibilidades de sua própria existência. Aqui, um breve esboço do existencialismo será apresentado, antes do advento da angústia do homem, ante a liberdade e a responsabilidade que tem que assumir perante a humanidade.
Palavras-chave: Existencialismo. Sartre. Angústia. Liberdade. Responsabilidade.

ABSTRACT: The resumption of existentialism in the twentieth century finds fertile ground among the drastic and sometimes radical changes that have occurred in Europe. Opposing to essentialism, whether Christian or atheist, it aims to profile ontologically the man inserted in the world and conditioned by the possibilities of his own existence. Here, a brief outline of existentialism will be presented before the advent of man's anguish, against the freedom and responsibility that he has to take among the mankind.
Keywords: Existentialism. Sartre. Anguish. Freedom. Responsibility.

* Doutor em Filosofia da Educação e Mestre em Lógica pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Tutor do Núcleo de Estudos sobre Meio Ambiente, Cidadania e Processos Coletivos – NEMA da Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA. Mossoró – Rio Grande do Norte – Brasil.

1 INTRODUÇÃO

O século XIX é um século em que a crença nos resultados assentados nas ciências, notadamente na física newtoniana e nas tecnologias desenvolvidas a partir dela, redunda na convicção de que o progresso é certo e seguro e que os grandes sistemas científicos, religiosos ou filosóficos são modelos de construção da concepção de verdades e de certezas.

Entretanto, logo no início do século XX, em 1905 para ser mais preciso, a física newtoniana sofre um sério golpe e é desbancada por uma nova concepção física, na qual a posição relativa do observador em relação ao observado torna-se um elemento perturbador; nove anos mais tarde, eclode a I Guerra Mundial (1914); no ano seguinte, 1915, Einstein completa sua teoria com a Relatividade Geral; dez anos depois, 1925, a Mecânica Quântica é coroada com o Princípio da Indeterminação de Heisenberg; em 1931, Gödel demonstra a incompletude das matemáticas; em 1939, explode a II Guerra Mundial; em 1943, Sartre publica *O Ser e o Nada*; em 1945, termina a Guerra e ocorre a morte de Hitler; em 1946, Sartre publica *O Existencialismo é um Humanismo*.

Esta pontuação de eventos ilustra o desmoronamento das certezas estáveis do século XIX, fazendo surgir um novo olhar calcado, agora, na desconfiança, na dúvida e na incerteza do mundo humano. Serve, ainda, para situar a principal obra filosófica de Sartre e a obra da qual iremos tratar mais diretamente aqui. A primeira, *O Ser e o Nada*, tendo sido concebida no âmbito da Guerra e por alguém que, havendo caído prisioneiro, lutou e apoiou a Resistência, traz claros contornos de uma certa negatividade a respeito do que seja o sentido da existência humana; a segunda obra, concebida após o término da Guerra, quando uma euforia pela liberdade se manifesta em todo o mundo ocidental, atenua os contornos negativos e almeja mostrar que o existencialismo ateu é uma tese humanística e não se coaduna à tese do quietismo.

Além disso, a abertura dos campos de concentração nazistas revelou as imagens do horror e a banalidade da vida saltou diante dos olhos. Na literatura e no teatro os existencialistas atuavam procurando mostrar o ridículo que a vida é e como ela é algo destituído de sentido, sendo, portanto,

um absurdo. No Teatro do Absurdo, as cenas do cotidiano, como alguém perguntando quem foi que jogou papel higiênico usado no chão do banheiro, arrancavam risos da platéia, pretendendo ilustrar o quão ridículo é a vida e, portanto, como ela é destituída de valor ou de orgulho. O existencialismo ressurge neste contexto como uma tentativa de compreender em que consiste a existência humana.

No presente texto, algumas palavras serão dedicadas ao existencialismo, na tentativa de subsidiar uma compreensão desta corrente filosófica, sem pretensões de apresentar, porém, algo filosoficamente substancial, antes de, detendo-se, em *O existencialismo é um humanismo*, tratar em que consiste o homem angustiado, no qual responsabilidade e liberdade são conceitos caros.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O EXISTENCIALISMO

Não obstante o existencialismo seja oriundo do século XIX, com Kierkegaard (1813-1855), sua retomada no século seguinte, tira-o do ostracismo em que se encontrava e coloca-o na ordem do dia. Seu tema único é a relação homem-mundo, não o homem universal no sentido da humanidade, mas o homem individual, o homem da existência real. Neste sentido, o existencialismo não traz quaisquer contornos idealistas e coloca-se como uma concepção filosófica que se detém na análise da existência, entendida esta como o modo de ser do homem no mundo. Tal análise almeja elucidar e interpretar os modos como os indivíduos humanos se relacionam com o mundo e, ao mesmo tempo, como o mundo se manifesta e condiciona as alternativas possíveis da existência de tais indivíduos. Assim, a existência é concebida como sendo essencialmente possibilidades, possibilidades do "sim" e possibilidades do "não", possibilidades do sucesso e possibilidades do fracasso, cujos constitutivos são os modos possíveis do relacionamento homem-mundo.

Por vezes, porém, o existencialismo é confundido com a fenomenologia ou tomado como um ramo desta. Contudo, o objeto central da fenomenologia é a análise da consciência em sua intencionalidade, isto é, é "a análise de todos os modos possíveis de como uma coisa ser

um dado para a consciência" (ABBAGNANO, 1993, p. 75), uma consciência que se põe desinteressadamente diante do mundo, tal qual um espectador, como condição para captar os objetos do mundo como fenômenos, como dados. E, como esta captação é intuitiva, a razão apreende a essência da coisa percebida.

Além disso, a fenomenologia se move no seio do otimismo que fora alimentado pelas certezas apodíticas que caracterizaram o século XIX. É por isso que uma primeira diferença básica entre as duas concepções filosóficas diz respeito ao fato de que, embora Hussel (1859-1929) se utilize do conceito de possibilidades, toma-o apenas em seu aspecto positivo. Uma outra diferença básica é de que o existencialismo não pretende, de modo algum, colocar-se como mero espectador diante do mundo.

Há, entretanto, pelo menos dois pontos que demonstram a influência que a fenomenologia exerceu sobre o existencialismo: o conceito de intencionalidade, segundo a qual a consciência é sempre consciência de alguma coisa que não ela mesma; e o aspecto apofântico da razão, segundo o qual a razão é reveladora do ser.

Quanto aos representantes diretos do existencialismo, podemos citar Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980) como os mais ilustres. Para nossos propósitos aqui, basta expor o existencialismo em linhas gerais, sem se fazer necessariamente distinção entre a concepção de Heidegger e a concepção de Sartre.

Primeiramente, convém elucidar que o existencialismo difere das concepções então assentadas de filosofia como, por exemplo, e notadamente, o essencialismo. Para o essencialista, a essência das coisas do mundo e do homem precede à existência. Assim, para uma ilustração, a Igreja, alicerçada na concepção essencialista tomista, vê o aborto como um desvio do fluxo natural das coisas emanadas por Deus, uma vez que, ao ser germinado, o feto já traz em si a essência do ser humano, de modo que tirá-lo prematuramente e por uma livre decisão, é cometer, no mínimo, uma transgressão contra a ordem natural das coisas.

O existencialismo concorda que, a respeito dos artefatos fabricados pelo poder produtivo do homem, a essência advém antes da existência, pois uma caneta ou um corta-papel, como prefere recorrer Sartre, primeiro é

desenhado, é feito o projeto daquilo que seria produzido e só depois, efetuado, de fato, a produção do objeto projetado. Assim, para tais artefatos se constrói primeiro sua essência, traduzida no projeto, para, em seguida, advir sua existência, a ponto de, tomando-o com o modelo, efetuar uma produção industrial do objeto projetado.

Mas, a existência ocorre no tempo, entendido este como uma reta orientada apontada para o futuro e constituída de n-instantes interligados, embora independentes, de maneira que nada garante que o que existe agora existirá no instante seguinte. É ali por onde o homem, mediante elaboração e execução de projetos, constrói sua essência. Quando um projeto não é executado, ele é re-projetado para o tempo futuro. Entretanto, a essência assim construída jamais atingirá o estádio de estar completa ou acabada. Ela sempre estará em construção, vindo a ser interrompida, abruptamente, pelo advento do fim de todos os projetos, por algo que não foi, não é e nem pode ser projetado: a morte. É a partir de quando o homem individual toma consciência da morte, que ele torna-se um ser existencial e deixa de ser um mero ser entre outros seres. É que o homem individual é o homem que é, não no conceito ou na consciência, mas no mundo, de modo que o homem é o *ser-aí*, significando "aí" o ser-em, o Dasein.

Há, porém, duas formas de existência humana: uma autêntica e outra inautêntica. Na forma inautêntica, a existência cai no anonimato do cotidiano, no qual todos e ninguém habitam sem cara e sem identificação ou identidade e é, ali, que reside a maior parte das atividades humanas, inclusive a científica e a moral. Por outro lado, é pelo primado da consciência que se atinge a forma autêntica do existir. É pela assim chamada voz da consciência que o homem toma ciência que é um ser tendente à morte.

Ora, enquanto a forma inautêntica, anônima cotidiana, é um certo desfaçar da certeza e da presença do advento da morte, uma vez que as atividades da vida cotidiana direcionam as preocupações para o viver, a forma autêntica, pela ação da consciência, arranca o homem da vida inautêntica e coloca-o em face do *ser-para-a-morte*, de um certo *viver-para-a-morte*. Mas isto não deve ser tomado no sentido do suicídio, de um apressar o fim. Deve-se apenas compreender que a morte é a possibilidade da impossibilidade da existência do indivíduo singular, pois é ao indivíduo singular que a morte atinge. Assim, a morte é

possibilidade mais própria, porque diz respeito ao próprio homem; *possibilidade incondicional* porque dirige-se ao homem individual; *possibilidade insuperável* porque a extrema possibilidade da existência é a renúncia; *possibilidade certa* porque se relaciona com o autêntico existir humano.

Contudo, como toda compreensão está vinculada ao um certo sentimento, a compreensão da morte está vinculada ao sentimento da angústia, uma vez que, por ela, o homem é colocado ante o nada. Pela angústia, o homem passa a compreender que a totalidade de sua existência é algo transitório, acidental, desnecessário. Com isto, a angústia faz o homem compreender-se na sua finitude, e, ao mesmo tempo, revela ao homem o verdadeiro significado de sua presença no mundo: manter-se firme no nada. É esta nulidade do existir que torna a existência autêntica.

Tal existência é transcendência, ao levar o ser-aí a romper os limites de sua subjetividade e imiscuir-se no mundo, de forma a ser um *ser-no-mundo* não apenas em companhia dos outros, mas ajudando os outros a serem livres e assumirem seus problemas. Mas a existência do outro só é na medida em que não é a minha existência e, de modo recíproco, a minha existência só é na medida em que não é a existência do outro. Assim, a transcendência é a liberdade do ser-aí que, no entanto, se acha condicionada aos revezes do mundo.

Em face disto, para o existencialista, a morte de um feto humano abortado não rompe com nenhuma essência, uma vez que, no homem, a existência precede à essência.

3 O HOMEM ANGUSTIADO

Após explicitar quem são seus críticos e quais as teses que almeja rebater, Sartre, em *O Existencialismo é um humanismo*, tece uma série de considerações sobre a liberdade e de como esta deve ser exercida com responsabilidade.

Primeiramente, porém, distingue dois existencialismos, um cristão, no qual coloca Karl Jasper (1883-1969) e Gabriel Marcel (1889-1973) e um ateu, no qual se coloca ao lado de Heidegger. Embora tenham em comum a defesa da tese de que a existência precede a essência, o existencialismo cristão, ao admitir a existência de Deus providente, coloca no espírito

de Deus o conceito de homem e, assim, o homem é criado mediante tal conceito, tal como o industrial fabrica um corta-papel, de forma que "o homem individual realiza um certo conceito que está na inteligência divina" (Sartre, 1973, p. 11). Por outro lado, o ateísmo do século XVIII mantinha a precedência da essência em relação a existência. Já o existencialismo ateu apregoa que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência: o homem. E mais, dado que Deus não existe, não há natureza ou essência humana, haja vista "que não há Deus para a conceber", em conseqüência, o homem se acha abandonado e condenado a ser livre. Mas, "o homem não é mais que o que ele faz", de modo que "o homem é responsável por aquilo que é" (SARTRE, 1973, p. 12) e é só por um ato de má-fé que alguém poderia buscar desculpas para seus atos, pois a "má-fé é evidentemente uma mentira, porque dissimula a total liberdade de compromisso" (SARTRE, 1973, p. 25). A quem age com má-fé, Sartre chamou de covarde, por ocultarem a sua liberdade total.

Mas esta responsabilidade não significa que o homem é responsável apenas por sua individualidade, antes, por todos os homens, uma vez que o ato de escolher se dirige sempre para o bem, pelo simples fato de, ao escolher, o escolhido é sempre o bem e, assim, nunca escolhemos o mal, porquanto formos livres para escolher. Ora, a humanidade deseja o bem. Logo, a escolha individual envolve a humanidade e, com isto, "a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor" (SARTRE, 1973, p. 13). O homem, entretanto, precisa agir, pois não é "nada mais do que o conjunto de seus atos" (SARTRE, 1973, p. 19). Seu agir, todavia, deve ser em consonância com o compromisso assumido perante a humanidade. Tal compromisso, porém, impinge-lhe o sentimento de angústia, pois como agir individualmente, escolhendo acertadamente aquilo que é bom para a humanidade?. Eis porque, para Sartre, o existencialista é sempre e necessariamente um homem angustiado.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1993. v. 14.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 7. ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. v.2.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um humanismo**. Tradução de Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril, 1973. (Col. Os Pensadores, v. 45).

_____. **El Ser y la nada**. 6. ed. Tradução de Juan Valmar. Buenos Aires: Losada, 1981.